

ELZA SOARES, FEMINISMO NEGRO E RESISTÊNCIA: “A MULHER DO FIM DO MUNDO”¹⁵

Cinthia Almeida Lima¹⁶

Resumo: A presente comunicação compõe-se de duas partes: uma breve biografia da cantora, compositora e feminista negra brasileira Elza Gomes da Conceição, mais conhecida pelo seu nome artístico Elza Soares; e de uma carta direcionada à artista na qual a autora agradece a Elza Soares por ser resistência, por abrir caminho no Brasil e no mundo para que tantas mulheres, especialmente mulheres negras, atualmente possam também ser “mulheres do fim do mundo”, mulheres do fim de um mundo de desigualdades entre os gêneros e de disparidades sociais.

Palavras-chave: Elza Soares; Feminismo negro; Resistência; A mulher do fim do mundo.

Abstract: This communication consists of two parts: a brief biography of the Brazilian black singer, songwriter and feminist Elza Gomes da Conceição, better known by her stage name Elza Soares; and a letter addressed to the artist in which the authoress thanks Elza Soares for being a resistance, for opening a path in Brazil and in the world so that so many women, especially black women, today can also be “women of the end of the world”, women of the end of a world of gender inequalities and of social disparities.

Keywords: Elza Soares; Black feminism; Resistance; The woman at the end of the world.

Breve biografia de Elza Soares

Elza Gomes da Conceição de Oliveira Soares, atualmente Elza Gomes da Conceição, cantora, compositora e feminista negra brasileira, nascida na cidade do Rio de Janeiro em 23 de junho de 1930, no seio de uma família de dez irmãos, família esta residente no bairro de Padre Miguel, na favela da Moça Bonita, hoje em dia conhecida como Vila Vintém, Elza foi criada posteriormente no bairro de Água Santa, também no Rio de Janeiro. Sua vida é marcada

¹⁵ Parte deste trabalho foi apresentado a título de comunicação no evento Perspectivas do fim do mundo: uma homenagem a Elza Soares e Racionais MC’S realizado entre os dias 16 e 20 de novembro de 2020, promovido pelo Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFIL-UFS), pelo Departamento de Filosofia da UFS (DFL-UFS), pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS (PPGF-UFS), pelo Canal Agenciamentos Contemporâneos e pelo Laboratório de Filosofia da Unimontes-MG.

¹⁶ Advogada, graduanda, mestra e doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe.

pela fome, por dramas pessoais e muitos momentos de superação. Em algumas entrevistas concedidas em vários meios de comunicação, Elza declarou que “muitas vezes tinha que espantar os urubus para pegar no lixo restos de comida”.

Aos 12 anos de idade, Elza foi obrigada por seu genitor a se casar com Lourdes Antônio Soares, rapaz o qual seu pai teria pensado ter abusado sexualmente da filha após uma briga na qual ela, enquanto levava café para seu pai na pedreira que ele trabalhava e ao tentar pegar no mato um inseto chamado louva-a-deus (o qual ela gostava do som produzido pelo inseto), deu-se de frente com o tal Lourdes Antônio Soares e os dois começaram uma luta corporal, o que fez o pai de Elza, ao encontrá-la no momento da briga, pensar que a mesma teria sido abusada sexualmente pelo rapaz. Seu sobrenome “Soares” então era o sobrenome de seu primeiro marido, e “Elza Soares” passou a ser seu sobrenome artístico.

Nesse primeiro casamento, Elza sofreu abusos sexuais e violência doméstica constantes, foi mãe pela primeira vez aos 13 anos, precisou trabalhar fora e foi encaixotadora e conferente na fábrica de sabão Vértas, no Engenho de Dentro, quando seu marido foi acometido por uma tuberculose. Após a melhora de saúde do mesmo, Elza foi obrigada a parar de trabalhar, mas aos 21 anos de idade ficou viúva, pois seu marido foi acometido novamente pela tuberculose.

Posteriormente a morte de Lourdes Antônio, Elza começou a trabalhar como faxineira e logo em seguida também a cantar, sendo que sua primeira participação como cantora foi no programa de Ary Barroso, no qual Elza usou uma roupa de sua mãe cheia de alfinetes para se adequar ao seu corpo, pois era bastante magra nessa época. Elza foi motivo de chacota para o público do programa, mas ao ser perguntada por Ary Barroso de que planeta ela vinha, a mesma respondeu ao apresentador que vinha do mesmo planeta que o dele, o “planeta fome”. Esse dia foi o início da carreira musical de Elza Soares.

No ano de 1962, Elza foi convidada para ir ao Chile como “madrinha da seleção brasileira de futebol”, momento no qual conheceu Louis Armstrong, que a chamou de “filha”, devido a sua maneira de cantar parecida com a do cantor americano, e também conheceu, na mesma viagem, o jogador de futebol Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, com quem ela viveu uma história de paixão e amor marcada por alguns escândalos, pois Garrincha era casado à época. O casal ao assumir a relação e morarem juntos, ainda se exilaram na Itália, juntamente com Chico Buarque de Holanda e Marieta Severo, pois tiveram anteriormente a casa em que moravam alvejada por tiros durante a ditadura militar e receberam um bilhete embaixo da portão qual constava que o casal deveria deixar a residência em 24 horas.

Durante seu relacionamento com Garrincha, no ano de 1969, Elza, seu filho com o jogador e sua mãe sofreram um acidente de carro, pois o jogador dirigia alcoolizado. Nesse acidente, a mãe de Elza foi arremessada para fora do carro e veio a óbito.

Elza foi acusada por diversas vezes, pelos fãs de Garrincha e pela mídia, de ter acabado com o casamento e a carreira do jogador. Em 1963, ela gravou a canção “Eu sou a outra”, que foi um escândalo para a sociedade brasileira “hipocritamente” conservadora à época. Após 17 anos de um relacionamento marcado por traições, ciúmes e violências domésticas, pois Garrincha sofria de dependência alcóolica, Elza e Garrincha se divorciaram. No ano seguinte ao divórcio, o jogador faleceu de cirrose.

Elza Soares é mãe de oito filhos, todos nascidos na cidade do Rio de Janeiro e de parto normal. Os dois primeiros filhos, que nem chegaram a ser registrados, vieram a óbito em razão da desnutrição. Seus filhos registrados então são: João Carlos; Gerson; Gilson, que faleceu no ano de 2015, aos 59 anos, vítima de problemas causados por uma infecção urinária; Dilma (que no ano de 1950 foi sequestrada, com apenas 1 ano de idade, por um casal que tomava conta da criança, sendo reencontrada pela cantora apenas em 1980, isto é, após 30 anos de desaparecida); Sara e Manoel Francisco, seu único filho com Garrincha e que foi apelidado “Garrinchinha”, que veio a falecer em um acidente de carro, no ano de 1986, aos 9 anos de idade.

Elza Soares, no ano de 1999, foi eleita a melhor cantora brasileira do milênio pela BBC de Londres e completou 90 anos de idade em 23 de junho de 2020. Ao completar 70 anos de carreira com muitas músicas gravadas de vários estilos musicais, seu álbum “Planeta Fome” (2019) é considerado pela crítica musical um dos melhores de sua carreira e com “A Mulher do Fim do Mundo” (2015) venceu o Grammy Latino de melhor álbum de MPB no ano de 2016.

Mesmo diante de conquistas na sua carreira musical, as mortes de seus filhos, o desaparecimento da filha Sara e o relacionamento conturbado com Garrincha fizeram com que Elza Soares morasse fora do país por algumas vezes e precisasse de auxílio psicológico em diversos momentos de sua carreira.

Carta de uma feminista para Elza Soares

Elza Soares, com certeza, a sua história serve de inspiração para a vida de muitas mulheres do mundo e do Brasil, mulheres brancas, amarelas, negras, mulheres de todas as raças, credos e amores, mulheres.

Se ser mulher no Brasil não é uma tarefa fácil, que dirá ser uma mulher negra, cantora, compositora e uma mulher que se envolveu amorosamente com um jogador de futebol, famoso à época, que tinha um relacionamento anterior a conhecê-la, que dirá ser uma mulher que não tem medo de dizer o que pensa, que se denomina feminista e ecoa sua voz cantando músicas que exaltam a mulher?

Elza Soares, o seu feminismo nos salvou e nos salva todos os dias. A sua luta também é nossa luta! Assim como o feminismo de pensadoras como Simone de Beauvoir (1908-1986), Lélia Gonzalez (1935-1994), Angela Yvonne Davis, Judith Butler, Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, Viviane Mosé, Marcia Tiburi e Djamila Taís Ribeiro dos Santos e tantas outras cantoras, compositoras, atrizes, artistas, poetisas, escritoras etc., mulheres fortes e determinadas que lutaram para que nós, mulheres, fôssemos reconhecidas como “sujeitos de direito”, como pessoas intelectualmente ativas.

Segundo Angela Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”¹⁷, e, você, Elza Soares, mulher cantora, negra e feminista, movimentou e ainda segue movimentando o mundo e a sociedade brasileira com suas músicas, com sua voz singular e sua história de vida ao logo de seus 90 anos.

Nós, mulheres brasileiras, somos gratas pela coragem de Elza Soares de não deixar que a sociedade brasileira lhe consumisse como consumiu Elis Regina (1945-1982) e a matasse como matou Marielle Franco¹⁸ (1979-2018), como consumiu tantas e outras mulheres, que morreram tão jovens, tentando combater o machismo, o sexismo e a misoginia em nosso país chamado República Federativa do Brasil.

A sua luta, Elza Soares, ainda é contra o assédio sexual e moral às mulheres, assim como contra o racismo, “doença social” que mata pessoas negras em todo mundo, como matou Trayvon Martin, Eric Garner, Michael Brown, Walter Scott, Freddie Gray, Sandra Bland, Philando Castile, Botham Jean, Atatiana Jefferson, Breonna Taylor, William Green, George Floyd, Jacob Blake, João Pedro, Miguel, João Alberto Silveira Freitas (que foi assinado em 19/11/2020, às vésperas do Dia da Consciência Negra no Brasil), e tantos homens negros e

¹⁷ Ver *Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”* de autoria de Alé Alves. In: EL PAÍS, 27 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 06 nov. 2020.

¹⁸ De acordo com a reportagem de Politize! de 06 de julho de 2020, “Marielle Francisco da Silva ou, simplesmente, Marielle Franco, nasceu em 27 de julho de 1979, no Rio de Janeiro. Formou-se em sociologia, pela PUC-Rio. Ela foi vereadora, eleita em 2017 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Em sua carreira política, Marielle foi reconhecida internacionalmente, por ONGs como a Anistia Internacional, pela formulações de projetos de leis e pautas em defesa dos direitos da população LGBTI e das mulheres pretas e faveladas.

tantas mulheres negras que morreram e que morrerão ainda hoje, e que não têm e não terão seus nomes divulgados, porque a mídia não consegue catalogar a contento esses casos de extermínio e genocídio das pessoas negras no Brasil e no mundo.

Elza Soares, moramos em um país que tem como fundamentos da República “a dignidade da pessoa humana” (Art. 1º, inciso III da Constituição Federal de 1988) (BRASIL, 2020a), que possui como objetivos fundamentais: “construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º, incisos I, I, III e IV da Constituição Federal de 1988) (BRASIL, 2020a), vivemos em um país que nas suas relações internacionais deveriam reger-se: pela “prevalência dos direitos humanos, pela “defesa da paz” e pelo “repúdio ao terrorismo e ao racismo” (Art. 4º, incisos II, VI e VIII da Constituição Federal de 1988) (BRASIL, 2020a). Como é possível, Elza Soares, um país com tanta diversidade social e cultural ser ainda um país tão segregador?

Como ainda é possível, Elza, morarmos em um país que a Constituição Federal vigente estabelece que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”; que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (Art. 5º, *caput* e inciso I da Constituição Federal de 1988) (BRASIL, 2020a); que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (Art. 5º, inciso XLII da Constituição Federal de 1988) (BRASIL, 2020a), e ainda termos um número absurdo de assassinatos de mulheres pela condição do gênero feminino e de assassinatos de pessoas negras, por motivos banais, todos os anos no Brasil? Como pode isso, Elza?

Como é possível, Elza, morarmos em um país que detém em seu ordenamento jurídico: o Código Penal (Decreto-Lei n.º 2.848, de 07 de dezembro de 1940), que em seu artigo 140, criminaliza a injúria racial (BRASIL, 2020b); a Lei n.º 2.889, de 1º de outubro de 1956 que “define e pune o crime de genocídio” (BRASIL, 2020c); a Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989 que “define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor”, isto é, que criminaliza o racismo (BRASIL, 2020d); a Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) que “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2020e); e a Lei n.º 13.104, de 9 de março de 2015 que “prever o feminicídio como circunstância

qualificadora do crime de homicídio” (BRASIL, 2020f), e mesmo assim homens e mulheres negras, e mulheres de todas as raças serem assassinadas todos os dias em razão de sua cor e/ou por seu gênero? Como pode isso, Elza?

Elza Soares, saber que ainda temos no Brasil uma mulher negra, compositora e cantora que “grita” contra o racismo, o machismo, o sexismo e a misoginia enche meu coração de esperança e otimismo de que seu grito continue ecoando mesmo quando sua hora de ir embora desse “planeta fome” chegar.

Elza, de acordo com a filósofa feminista Marcia Tiburi, em seu livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*:

O feminismo nos leva à luta por direitos de *todas, todes e todos*. *Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. *Todos* porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático, coisa que o mundo machista – que conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à realização. (2018, p. 11-12)

Através do seu canto e das suas músicas, Elza, muitas mulheres conseguem se reconhecer como “sujeitos de direito”, como “sujeitos políticos”, conseguem sair de casamentos e relacionamentos que reprimem suas sexualidades e seus desejos, que baixam suas autoestimas, porque seus maridos, companheiros ou namorados não conseguem reconhecer que homens e mulheres são intelectualmente iguais, que mulheres são “pessoas”, que mulheres não são “simples objetos” para satisfação de seus prazeres e suas vontades.

Alguns homens ainda não conseguiram entender que um “ódio histórico” à figura feminina é ensinado aos homens em suas criações patriarcais, e que “esse mundo patriarcal” não favorece que homens e mulheres dialoguem de forma equânime, igualitária, e que por conta dessa desigualdade entre os gêneros, eles continuem enxergando, nós, mulheres, como incapacitadas de ocupar cargos de liderança em empresas privadas e em cargos políticos, como desqualificadas para sermos pesquisadoras em Universidades e também cientistas.

Elza, o feminismo ecoado em suas músicas salva mulheres todos os dias e o feminismo negro ecoado em suas músicas salva mulheres negras todos os dias! Segundo Djamilia Ribeiro em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?* “[...] nós, do feminismo negro, movimento

negro e aliados, seguiremos dizendo: a vida negra importa. E é necessário que, além de chorar essas mortes, essa sociedade se responsabilize por elas. Não esqueceremos”. (2018)

Elza, ao invés de apenas chorar por tantas mortes de mulheres de todas as raças, especialmente de mulheres negras e também de homens negros, as músicas de sua autoria e as interpretadas com sua emoção mostram que as vidas negras importam e que a sociedade brasileira, ainda machista, sexista, misógina e racista, deve sim responsabilizar-se por todas essas vidas que foram ceifadas pelo ódio, pela ambição e pela indiferença humana.

Elza Soares, “a mulher do fim do mundo”, suas músicas e seu grito buscam o fim de um mundo de discriminações seja em razão da raça, do gênero, da crença, da idade, da classe social, sua voz busca o fim de um mundo no qual as mulheres ainda não são vistas, por muitos homens, como “sujeitos de direito” e “sujeitos políticos”, sua luta, Elza, busca o fim de um mundo sob as bases do patriarcalismo e da hegemonia masculina.

Muito obrigada, Elza Soares, por ser resistência, por abrir caminho atualmente no Brasil e no mundo para que tantas mulheres, especialmente mulheres negras, possam também ser “mulheres do fim do mundo”, mulheres do fim de um mundo de desigualdades entre os gêneros e de disparidades sociais. Muito obrigada, Elza, por abrir caminho para todas as mulheres que participaram desse evento intitulado “Perspectivas do fim do mundo: uma homenagem a Elza Soares e Racionais MC’s”, para todas as mulheres que tentam sair de relacionamentos que as oprimem e minam suas autoestimas, para todas as mulheres que foram e hoje ainda estão atuantes nas Universidades, e se destacaram e se destacam no “mundo das pesquisas”, e para todas aquelas já lutaram e ainda lutam pela Ciência.

Referências bibliográficas

ALVES, Alé. *Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”*. EL PAÍS, 27 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 06 nov. 2020.

ALVES, Pedro. *Caso Miguel: família de menino que morreu ao cair de prédio pede indenização de quase R\$ 1 milhão a Sari Corte Real*. G1 PE, 24 ago. 2020. Disponível em:

